



# Galante

Scriptorim **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



## Uma página africana no Folclore do Rio Grande do Norte

*Ulisses Passarelli*

O congo está fardado e em forma. São umas sete ou oito da noite. O uniforme impecável, cuidadosamente aprontado pelas esposas dos conquistadores, chama a atenção pelo brilho refletido nos espelhinhos e pela cor das fitas que balançam com o vento. Dispostos em duas filas paralelas, os dançantes, cerca de quinze a vinte, representam de um lado as forças bélicas da Rainha Ginga, de outro as de Dom Henrique, Rei Cariongo.

"Dão Cariongo", dizem. Estão armados com espadas, que seguram numa mão, enquanto outra traz o maracá, espécie de chocalho, para o acompanhamento idiofônico. Cada soldado

das filas é um Vassalo. O primeiro de cada um é o Guia.

Os personagens principais vêm ao centro e adiante. São o Rei Henrique e seus dignitários, o Príncipe Suená e o Secretário Lúcio (e outrora o Ministro) e o Embaixador da Rainha Ginga e seu General. O Embaixador é o Mestre, o que traz o apito de comando, o coordenador geral. Representa os interesses da Rainha, que não aparece ou surge sem atividade.

Soa o apito. Seu silvo denuncia que vai começar uma das "danças" (na verdade um folguedo) folclóricas mais complexas do país, como a trezentos anos passados. O Mestre canta a primeira cantiga:



(Cont.)



"Henrique, Henrique, Rei Cariongo, é o senhor da fidalguia! Ele foi, ele foi quem nos mandou pelear com a Turquia!"

Rufa a caixa ou gema a rabeca, conforme o grupo, e os maracás fazem o fundo musical. Saem em marcha ligeira pelas ruas, dançando marcialmente, rumo à igreja. Estas cantigas são as Toadas de Viagem.

"Fora, na linha do mar, eu vi içar uma bandeira! Era um inimigo rebelde, derrubando uma trincheira!"

O Secretário desfralda a bandeira e a agita no ar. Outrora, essa marcha fazia-se à luz de candeeiros grandes, que punham nas pontas de varas, carregados pelos "Siris". Ainda é destes tempos esta toada:

Temos estrada de ferro, temos luz pra alumia, temos bons carrinho pro's conguinho passia"

Chamam a atenção dos moradores do lugar:

"Senhora que estás dormindo faça favor de acordar, venha ver os bons conguinhos, pela rua a passear!"

E lá se vão para a igreja da padroeira dos negros de tudo quanto é congo deste país, Nossa Senhora do Rosário:

"Pretinhos de Congo, para onde vão? Eu vou pro Rosário festejá Maria!"

Faltando uma igreja desta Santa vão a qualquer outra, mas sempre lembrando:

"Ai, vamos conguinho, com muita alegria! Louvar o Rosário da Virgem Maria!"

Chegam na igreja:

"Oi, viva! Oi, reviva! O que vamos louvar? Nosso padroeiro vamos festejar!"

Vão ao altar, onde louvam os santos, notadamente seus padroeiros:

"Ô que santo é aquele, que está acolá? É São Benedito, que está no altá!"

Sendo Natal, louvam o Nascimento do Messias:

"Viva a Noite de Natal, o Dia do Nascimento! Bendito é, louvado seja, o Divino Sacramento!"

Saem e dançam no adro, largo ou praça, no chão ou num tablado, e nos tempos de antanho num cercado enfeitado de ramos verdes e folhas de coqueiro, com areia da praia estendida no piso. Então, a primeira cantiga é:

"Na hora de Deus, amém! Pai, Filho, Espírito Santo! São as primeiras cantigas, que neste auditório eu canto!"

Começam os cantos diversificados, sobre vários temas, bailados com habilidade. O colorido e a música são atrativos irresistíveis. Além dos temas religiosos, há os do amor:

"No mundo não há quem pinte havendo tanto pintor, semblante de teu rosto teus olhos matador..."

Lembram os escravos:

"Mãe Maria faz bolo chorando, chorando, se lastimando, chorando!"

A escravidão:

"Catarina, minha negra, teu senhor te quer vender, para o Rio de Janeiro, para nunca mais te ver..."

Cantos de trabalho:

"Sobe ladeira, desce riacho; pega uma pedra, quebra espinhaço."

Costumes antigos:

"Criôlinhas do Recife quando saem a passia, botam banha no cabelo mais Maria Camundá."

Cantigas de possível inspiração totêmica:

"Minha perua nanandua, nanandua é de São

Bandeirão; é de São Bandeirão é de bater em congo, é de bater em congo é de bater em mão!"

Cantares lúdicos, irônicos:

"Maria, estende o lenço, assentamo e conversamo, se houver qualquer remorço como soltêro, casamo..."

A variedade de peças cantadas é imensa e se sucedem até o momento da representação das embaixadas, ponto alto do folguedo.

É uma espécie de teatro folclórico. O espectador precisa imaginar o cenário evocado, os reinos africanos de outrora, os reis orgulhosos e seus fiéis guerreiros. É o momento em que os personagens assumem seus papéis dramáticos. O Rei, sentado numa cadeira à guisa de trono, vê seu reino imaginário, onde estavam ocorrendo as danças, subitamente ser invadido pelo Embaixador da inimiga, a Rainha Ginga. Ele comparece diante do trono com toda arrogância e atrevimento. Prendem-no e querem matá-lo, mas ele diz que tem que transmitir uma mensagem (embaixada). Quando indagado a quem representa, assim responde:

"- Senhora Dona Rainha Ginga, Senhora de Camumbira, Muxiá e Tatiguara, Dona Fulô Di'Cambangi! Passou em terra de Caramundango,



**Galante**

onde passam pombinhos, pretinhos e guinéis!"

Quando Cariongo lhe pergunta o que a Rainha Ginga quer comunicar, ouve esta resposta:

"- Meu monarca participa que se vós não retirares vossas tropas que lá se acham em campo, há de ter uma grande perda: teu palácio há de nadar em

sangue, tua coroa rolar fora de sua cabeça e teu Príncipe será passado na ponta do meu cutelo!" Depois de muitas peripécias, entreveros e episódios secundários, não se alcançando um acordo diplomático entre as duas hostes, trava-se a batalha. Enquanto lutam espadas habilmente num espetáculo muito ao gosto popular, cantam:

"Rainha Ginga, mulher de batalha, tem duas cadeiras, ao redor de navalha!"

O Rei é derrotado e levado prisioneiro, bem como todos os seus vassallos. O Secretário entoia um lamento:

"E vamos, lindos vassallos, acompanhar nosso monarca. E vamos, lindos vassallos, acompanhar o Rei de Alta!"

E o ritmo muda para uma marcha ligeira, desenvolvida em fila única, que anda sinuosa e agitada, simulando a viagem que leva o Rei Cariongo e seus partidários prisioneiros. São os Dobrados Guerreiros:

"Vindo eu de mar pra terra de partida pra Aruanda, ai, comendo bala e metralha puxando a Mesma chama!"

Até que cessam, chegando ao destino fictício,



nas terras da Rainha. Despedem-se para encerrar a folgança:

"Adeus, Adeus bis Adeus, qu'eu já me vou, adeus". Bis

Assim desenvolve-se em linhas gerais o congo do Rio Grande do Norte.

Manifestação folclórica surgida no século XVII, quiçá no anterior, tem fortes raízes africanas e uma

sempre presente influência européia, maior ou menor conforme a região e modelo. Neste Estado sua área de ocorrência era as Zonas Litorânea e da Mata, entre Goianinha e Rio do Fogo, segundo pesquisa que efetivamos entre 1992-98, sendo possível identificar pelo menos trinta grupos, hoje reduzidos a três.

Também conheceram o folguedo os Estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Esta área já se reduziu muito. Também o

número de grupos por Estado decaiu e a própria parte dramática está em muitos casos degradada.



Minas, São Paulo e Goiás são os que conservam melhor o folguedo.

Embora existam diferenças acentuadas entre os congos de diversas regiões, levando a gerar sinônimos congo (s), congado (a), pretinhos-do-congo, etc. em todos é

possível identificar as raízes formadoras: influências das embaixadas e nações africanas; devoção a Nossa Senhora do Rosário / São Benedito; préstitos reais, escoltando reis e rainhas legítimos na África ou de fantasia, aqui. Desde o Brasil Colônia elegiam-se entre os negros um rei e uma rainha, cargos honorários, aceitos pela Igreja e apoiados pelos senhores escravocratas. O régio casal de negros era por seus companheiros de senzala escoltado até a

depois se aglomeraram no mesmo ciclo festivo-folclórico: o Ciclo do Rosário e dos Reis Negros.

Destes folguedos congêneres, filhos de um mesmo ventre histórico-cultural, o congo ou congada foi o que assumiu mais faces, mantendo porém o mesmo fio condutor, as características gerais que permitem identificar o folguedo como um congo.

São cinco TIPOS básicos no país, com vários SUB-TIPOS. No Rio Grande do

Scriptorin **Candinha Bezerra**  
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

**Galante**

Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova, Natal-RN. Fone: 211-8241/Fax: 211-8790. E-mail: mensagens@candinhabezerra.com Internet: www.candinhabezerra.com

Direção de Pesquisa  
**Dácio Galvão**

Programação visual  
**D & S Publicidade**

Colaborador  
**Ulisses Passarelli**  
Fotos  
**Candinha Bezerra**

Apoios  
**Tribuna do Norte**  
**TV Cabugi**

Você encontra a capa dura para colecionar o seu **Galante**, nas principais bancas da cidade, Scriptorin e Fundação Hélio Galvão.



Norte há um TIPO, o que retrata a desavença entre a Rainha Ginga e outro reinado africano, no caso potiguar, o Rei Cariongo. Este tema central é apresentado neste Estado sob duas formas – os SUBTIPOS congo-de-guerra (também chamado congo-de-calçolas ou de-caixa) e congo-de-combate (o mesmo que congo-de-saiote ou de-rabeca), que se diferenciam nos trajes, instrumental, ritmo, modo de dançar e cantar, porém com o mesmo tema central de dramatização.

Dos três grupos remanescentes, um é congo-de-combate, o de Santo Antônio dos Barreiros (São Gonçalo do Amarante), e dois são de-guerra, o centenário grupo da Vila de Ponta Negra (Natal) e o de Tabuão (Ceará-Mirim).

Há três anos o Rio Grande do Norte tinha apenas um grupo, o de Ponta Negra, sobrevivendo com precariedade. Neste triênio as condições melhoraram em termos de conscientização geral e mesmo de ambientação, já que recomeçou em Natal a Festa do Rosário, a partir de 1996, incluindo o cerimonial da coroação do Rei e da Rainha, com a presença dos congos. Formou-se um novo grupo,

o de Santo Antônio dos Barreiros e reativou-se outro, no Tabuão. O de Ponta Negra melhorou em estrutura e uniformização.

Mesmo assim a situação dos congos no Estado inspira cuidados. A estabilidade de um grupo folclórico não é tão forte como se pode supor a partir de sua idade. Constantemente estão precisando de alguma ajuda.

E em se tratando do congo mais rico em

elementos histórico-culturais do país, ele deveria ter toda a atenção por parte das autoridades da cultura. Uma escolinha de congo nas comunidades onde ainda resiste seria iniciativa válida, para se formar congos mirins, principalmente com crianças carentes, envolvendo-as num projeto mais amplo. Prover com necessidades materiais é fundamental, pois os dançantes são todos de baixa renda, com

impossibilidade de reequiparem seus grupos. Serviço de registro da memória dos congos é fundamental, incluindo gravação de CD's e filmagens completas. Não filmagens artísticas ou limitadas, mas completas, para documentação e arquivo. Além é claro da permanente divulgação e trabalho de conscientização, para o folclore em geral. Enfim, incrementar o que tem sido feito. São sugestões para se preservar esta manifestação tão genuína de nosso folclore, que quase solitária parece clamar por atenção quando canta:

*"Alerta, alerta, alerta!  
Alerta, acorda quem dorme..."*

